

LÍDIA JORGE *

ESCRITA E EMANCIPAÇÃO

1. Quero dizer, em primeiro lugar, que durante este ano de 84 algumas vezes fui chamada a fazer balanços sobre o mesmo tema que nos reúne hoje aqui. E que várias vezes me defrontei de perto com opiniões e balanços feitos por pessoas nas mais variadas áreas. Pois a ideia com que sempre fiquei foi de que o tom dominante, quando repensamos na mutação operada desde o 25 de Abril, é de acentuado pessimismo quanto ao futuro e de forte culpabilização quanto ao passado e ao presente. Acho mesmo que alguém que não nos conhecesse, que não soubesse que esta forma de nos dizermos desalentados é a nossa forma de mostrar alento, haveria de julgar que Portugal é uma espécie de *Titanic* condenado, com uma inscrição no bojo que dissesse — «*Deus mesmo o afundará*». Esta foi uma imagem colhida de um dos imensos artigos publicados pela imprensa portuguesa durante a passada Primavera.

2. Mas enfim, ainda que eu aceite que nem a culpabilização seja uma estratégia, nem o pessimismo um método, tudo me leva a crer que o homem comum português não partilhará de visões tão profundamente desencantadas — como sobreviveríamos? Que assim é, provam-no o facto de as Artes e a Literatura, formas de vida ligadas precisamente à intimidade afectiva do povo, processo natural de buscar o seu equilíbrio ôntico, continuarem a ser campo de activa vitalidade, a contrastar com a desesperança que domina, de efeito, o espaço da gestão dos recursos.

3. Ora a nível literário, de facto alguma coisa mudou depois do 25 de Abril e que não tem apenas a ver com o ine-

* Escritora.

xorável correr do tempo e a mutação dos sucessos, e sim com o povoamento do imaginário português por outros valores, outros mitos, outros horizontes. Simplesmente porque a Literatura é apenas uma extensão da vida e a vida, realmente, essa mudou. Eu diria que o espaço interior da sociedade portuguesa mudou, sobretudo na direcção de dois pólos antagónicos ainda que indissociáveis, dois vectores antitéticos entre os quais se joga a dramatização mais funda dos nossos dias que correm. Dum lado o sentimento da amputação, da redução dum império, o que desembocou numa sintomatologia da exiguidade, diria mesmo a sintomatologia da nossa *pequenidade*, enquanto corpo colectivo. Do outro, a verbalização da mitologia da liberdade e da libertação, da emancipação pessoal e individual. Diga-se de passagem que também o sentimento da amputação corresponde e coincide com a emancipação colectiva. O que fica de permeio, entre estes dois pólos, são as necessárias variações.

4. Assim sendo, não admira que a Literatura portuguesa se tenha renovado com temas que aproximam a poesia e sobretudo a ficção das vivências fortes até aí contidas — a guerra colonial, a resistência, os relatos da opressão, a busca/perda da identidade e o próprio 25 de Abril em si. Ou os textos do canto de formas de amor marginalizadas como o da homossexualidade a nível da poesia masculina, e a exposição do corpo erótico na produção feminina. Não admira também que a nível das formas a Literatura dos últimos dez anos se caracterize por uma certa desretorização do discurso, ou a criação duma retórica da coloquialidade, ainda que neste campo se tenha de valorizar muito mais os elementos de continuidade do que os elementos de ruptura.

5. Claro que também neste âmbito os efeitos ficaram aquém do que a nossa impaciência exigia — muitos desejavam que a poesia portuguesa produzisse um novo Fernando Pessoa, com formas inovadoras e inusitadas e contudo, acham esses mesmos, que cada vez mais se anda à volta de Pessoa. Esperavam que na ficção surgissem narrativas-cartilha para comentário nas escolas, e *bestsellers* que de imediato competissem nos mercados estrangeiros — de facto só em ínfima parte foi verdade. Creio ainda que se contava com o florescimento do espírito crítico e a criação da nova ideia portuguesa. Ora o sentimento comum é de que a pobreza nesse domínio continua embalada — refiro-me ainda aos que dos balanços fazem paradas de melancolias. Mas entende-se porque quem assim interpreta só tem em conta os produtos concretos, palpáveis, aqueles

que se põem na prateleira e fazem estante. Para mim, mais do que os *produtos*, neste caso, interessam-me os processos.

6. O panorama da Literatura portuguesa dos últimos dez anos foi dominado pelo aparecimento de um vasto grupo de vozes novas com novos temas e experiências, novas formas, por vezes ainda caóticas mas rejuvenescidas, e pela reafirmação ampla, por vezes surpreendentemente inovadora, por parte dos escritores já de amplo currículo. Tem sido a coexistência pacífica deste amplo leque de sensibilidades singulares, independentes de correntes nítidas, com personalidade própria e temática peculiar, o que tem conferido à Literatura uma especial originalidade e atesta em amplo espectro, uma tendência para a sua efectiva emancipação.

7. Quanto ao público leitor, sabe-se que começou a interessar-se mais pela Literatura do seu próprio país, embora com particular interesse pela ficção. Na base desse interesse deve estar o desejo natural de buscar a sua própria referência, mas outros factores de processo explicam ou pelo menos têm condicionado esse interesse. Falo da multiplicidade de editoras que até dado momento conheceu forte acréscimo, e a linha de crédito que de princípio, sobretudo as mais pequenas, lançaram em especial aos novos escritores.

Outra causa terá ainda estado na mudança de estratégia de lançamento dos livros no mercado. Começou a conhecer-se entre nós o fenómeno dos *bestsellers* devido à utilização de técnicas de *marketing* indiscutíveis a nível da venda objectiva, mas discutíveis enquanto processo cultural. Como se sabe, a *avaliação* do livro, sobretudo a partir do fenómeno de *O que Diz Moleró*, passou a ser feita muito mais através da avaliação *a priori* por via da publicidade do que da avaliação *a posteriori*, isto é, por via da crítica. Digamos mesmo que a apresentação prévia consegue sobrepor-se aos efeitos da segunda, o que pode entre nós ser um risco. O mais inofensivo será substanciado pela questão — Compra-se! Mas lê-se? Desta nova estratégia disfrutaram sobretudo os escritores mais recentes, entre os quais me incluo.

Outra mudança, e talvez a que mais tenha criado esperança nos escritores portugueses, que escrevem em média para três mil leitores, quando muito para dez mil, considerando-se excepcional tudo o que ultrapassa estas fronteiras, terá sido o interesse indiscutível que se tem verificado por parte de editoras estrangeiras sobre a nossa Literatura. Embora timidamente, alguns clássicos começam a ser traduzidos, para não

falar de casos de autores do momento que estão a atravessar o limite da circulação interna. Supõe-se que o interesse pela peculiaridade da mudança portuguesa tenha trazido consigo o interesse pela expressão portuguesa.

8. Por estas e outras razões, o que não cabe desenvolver neste local, penso que há motivos, embora não de sobra, para termos confiança num processo que se afigura de vitalidade, quer a nível da Poesia, mãe das artes da linguagem, espaço privilegiado da nossa ideia, e que entre nós continua a ser original, quer a nível da ficção. Acho mesmo que neste fim de século, à medida que os grandes blocos tentam a divisão entre si dos espaços geográficos, e por conseguinte a *homogeneização* cultural nos espreguiça, a reacção da demarcação das pequenas culturas pela especificidade da sua diferença tem de fazer-se sentir vigorosamente, e que nós aí estaremos. No entanto, sabe-se que em certas situações, não tão raras quanto isso, a pessoa troca a memória afectiva de si mesmo pelo frígido e pelo sofá, o que é humano. Mas legítimo é também estarmos prevenidos, prefigurando o quadro onde nos movemos.

9. Chegou-me recentemente à mão uma publicação sobre edição e literatura que o jornal *Libération* fez circular durante a feira de Frankfurt. Sem atribuir qualquer valor de exclusividade, li a revista de ponta a ponta, e apesar de se falar aí de todos os países da Europa e de todos os continentes, não encontrei uma única referência a um autor português, um editor, um livro, um rosto. Mais do que isso — nem como importadores do livro francês nós lá existimos. Creio que nos devem ter englobado no quadrado da Espanha, confundido como prolongamento de Andaluzia, talvez. No entanto, os editores portugueses têm estado lá, o próprio Instituto do Livro, uma das mãos de força da descompressão, fez o seu possível pela divulgação. Mas o fenómeno não é só nosso, e não admira que as traduções sejam feitas num só sentido, importando-se o mais descaracterizado porque mais universal. É que de facto cada vez mais a cultura é uma extensão da tecnologia e a tecnologia uma extensão da economia e das ciências da gestão (melhor seria, as *artes* da gestão). Sobretudo quando o livro mudar de suporte, o que pode vir a ser um meio ampliador mas para já será redutor, os escritores portugueses poderão contar com momentos de dificuldade. Os escritores tanto quanto os outros produtores destes e outros bens não produtivos. É que de facto a Literatura do centro da Europa parece esgotada sobre si mesma, e por isso se refugia no histórico ou no exótico como

forma de compensação — o interesse pela literatura sul-americana, que já conta bem mais de uma década, é disso sintoma vivo, legítimo, e feliz, aliás. Ora nós apenas somos litorais e temos o mal de sermos ao mesmo tempo diferentes, sim, mas não tão exóticos que mereçamos a atenção. São-no, contudo, a Literatura brasileira e a africana nascente de expressão portuguesa. Perante este quadro, a manutenção do ensino da língua portuguesa no estrangeiro poderia ser um meio, se não um fim — quem se interessa pela língua, interessa-se pela Literatura. Ora aí também o português do Brasil ganha terreno, não só porque quando um brasileiro fala tem atrás de si quase um imenso continente, mas também porque dispõe duma linguagem de comunicação oral mais perceptível e mais dúctil.

10. Mas tudo bem. Mesmo que os escritores portugueses continuem a escrever para três mil ou dez mil leitores, não é por isso que deixarão de escrever porque o escritor, todo o escritor, escreve por instinto, e a escrita, como qualquer arte, emerge da vida e tem a sua sorte partilhada com a sorte da sua própria comunidade. Em primeiro lugar é com a sua própria comunidade que tem de lançar o entendimento. Só que uma cultura que não está em expansão está em regressão. Além disso o objecto faz a palavra. Programas há na nossa televisão em que de vez em quando surge uma palavra em português. Como não há-de ser assim, se o objecto em causa é o disco americano, o inglês e o francês? Muito, muito mais o primeiro deles? Não é uma censura, mas que não se aceite como uma fatalidade.

11. Falo agora com a ilegitimidade de quem chegou a este campo há pouco tempo. Um dos processos que me tem parecido particularmente feliz tem sido a convivialidade desideologizada que une hoje os escritores portugueses, o que é um bom sintoma. No entanto, na relação com o poder e a sociedade, é frequente ouvir aos que atravessaram o tempo do fascismo queixarem-se de que antes não eram «respeitados mas temidos, e que hoje nem respeitados nem temidos». De novo falo com o peso da ilegitimidade, mas quer parecer-me que, perdida a noção de que constituíam uma seita contra as castas que a ditadura criava, e tendo entrado num regime que é pelo menos a aprendizagem da democracia, os escritores como grupo ainda não puderam encontrar o seu espaço de acção, para além daquele que o próprio exercício da escrita já constitui e basta. No entanto, esse espírito de vanguarda se for profético, ou pelo menos reivindicativo se for pragmático, terá de estar

presente para que a nossa diferença se mantenha, no caso de a homogeneização vir a ser um facto. O que significará a manutenção da nossa emancipação, alcançada depois contra outras castas, bem diferentes daquelas que o 25 de Abril arrumou. Continuando a entender a Literatura como extensão da vida real.